

fisga

PLANETÁRIO

NO CAMINHO DAS ESTRELAS
POR NUNO GALOPIM

DAPHNE GUINNESS

De socialite
a ícone pop

Imaginem um ponto onde convergem heranças clássicas da música de David Bowie no início dos anos 70, o imaginário de ficção científica de "Flash Gordon" ou "Barbarella" e uma carga icónica pop da dimensão de uma Lana del Rey ou até mesmo de Lady Gaga. É ali que encontramos Daphne Guinness, uma figura veterana, já com reconhecimento conquistado entre celebridades e o mundo da moda que, este ano, em maio, edita um álbum de estreia produzido por Tony Visconti, o mais frequente colaborador em estúdio de Bowie. De resto, e como se relata no site da artista, quando estavam em estúdio, a gravar as canções deste seu disco, David Bowie passou ali sem se fazer anunciar, dando a sua aprovação ao que estava a escutar.

Com o título "Optimist in Black", o álbum de estreia de Daphne Guinness foi gravado nos Avatar Studios em Nova Iorque (que outrora eram conhecidos como Power Station) e cruza referências do psicadelismo de finais dos anos 60 com ecos do glam rock de inícios dos anos 70 em canções que refletem sobre identidade, vaidade, alienação e tédio, revelando por um lado uma voz grave e teatral (que já lhe valeu comparações com Nico) e, por outro, a experiência de Tony Visconti na cadeia da produção. "Evening in Space", um aperitivo do que podemos esperar do álbum, foi revelado num teledisco rodado pelo fotógrafo David LaChapelle (está disponível no YouTube) e cruza imagens de cores vivas que tanto traduzem ecos da ficção científica dos dias de "Flash Gordon" como, na construção da protagonista, evocam imagens das grandes divas dos tempos do cinema mudo. A forte carga visual com que Daphne Guinness acompanha agora a sua música não é estranha ao trabalho desde há muito desenvolvido na moda. Surgiu já em duas capas da "Vogue" em fotos de Steve Klein, tendo já trabalhado para nomes como os de Tom Ford ou Karl Lagerfeld. Já depois da viragem do milénio começou a somar experiências no cinema, tendo trabalhado com os fotógrafos Sean Ellis, Markus Klinko ou Indriana, tendo produzido o filme "The Legend of Lady White Snake", com diálogos de Bernard-Henry Lévy. De origem britânica (nasceu em Londres em 1967), Daphne Guinness é descendente em linha direta de Arthur Guinness, o célebre irlandês fabricante de cerveja, criador da marca que ainda hoje ostenta o seu nome.

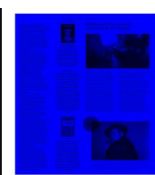


FICÇÃO

Contos tradicionais
são muito mais antigos

Alguns dos contos tradicionais que ainda hoje são frequentemente reinventados pela escrita ou adaptados pelo cinema têm afinal uma origem bem mais antiga do que se pensava. Um estudo desenvolvido por Sara Graça da Silva, da Universidade Nova de Lisboa, e Jamie Tehrani, da Universidade de Durham, divulgado há poucos dias pela "Open Science" da Royal Society britânica, conseguiu localizar a presença de alguns destes contos em tempos remotos das culturas indo-europeias, recuando bem atrás, até um tempo muito anterior ao das narrativas com raiz nas mitologias grega e romana. "A Bela e o Monstro" e "Rumplestiltskin", por exemplo, foram rastreados até há cerca de 4000 anos. "João e o Pé de Feijão", que está classificado numa categoria a que se chama

"o ajudante do sobrenatural", vai mais atrás, até há cerca de 5000 anos. Mas a descoberta "mais significativa", como reconhece Sara Graça da Silva, foi com "Smith and the Devil", sobre um ferreiro que estabelece um pacto com o Diabo de forma a poder adquirir poderes sobrenaturais, que recua 6000 anos, até ao tempo da Idade do Bronze. No século XIX, os Irmãos Grimm, que recolheram uma série de contos e fábulas, entre os quais "O Capuchinho Vermelho" ou "O Pequeno Polegar", acreditavam que existia uma história de considerável ancestralidade para estas narrativas tradicionais. "Tinham um interesse muito grande em filologia e acreditavam que os contos tinham passado de geração em geração através de uma tradição narrativa comum a várias populações", como explica a investigadora,

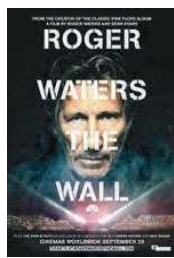


sublinhando que havia quem considerasse essa posição como controversa. Há, de resto, “autores que defendem uma origem recente e literária para certos contos, no século XVI, XVII, sobretudo em Itália”. Mas os resultados desta nova investigação “apoiam a tese dos irmãos Grimm e sugerem que vários contos existiam na tradição oral indo-europeia muito antes de serem escritos”.

A origem dos contos, como acrescenta, “permanece como um dos grandes mistérios”. Este estudo “apresenta uma perspetiva inovadora porque complementa os resultados das abordagens mais tradicionais com metodologias originalmente desenvolvidas na biologia evolutiva”. E assim, juntamente com as árvores das línguas indo-europeias, estas técnicas filogenéticas, habitualmente usadas para estabelecer correlações evolutivas entre espécies do mundo vivo, abriram portas a um outro tipo de abordagem. As dificuldades de datação devem-se em parte “à forte interação entre as tradições orais e escritas”.

Partindo do catálogo ATU (Aarne Thompson Uther), que indexa os contos internacionais e a sua localização geográfica, os investigadores analisaram os contos de magia, focando-se em 275 histórias tradicionais em 50 populações indo-europeias. Pretendiam perceber se a transmissão destes contos poderia ser prevista pela proximidade geográfica ou pelo grau de relacionamento a fim de saber quais os contos que podiam ser associados a grupos ancestrais comuns. “O que descobrimos foi que, destes 275 contos, 76 podiam ser herdados por transmissão vertical a nível de relacionamento linguístico.” Todo este trabalho ressalva, assim, o poder de resistência ao tempo das tradições orais, já que muitas destas histórias correram assim de voz em voz bem antes de alguém as ter fixado pela escrita.

Sara vê estes contos como sendo “repositórios incríveis de comportamentos humanos, de estudos sobre dinâmicas de cooperação, tomadas de decisão... Eles são simulações imaginativas da realidade”. E por isso defende que é importante “trazer de volta o seu contributo para questões que abrangem ainda a genética, a linguística, a teologia”.



ROGER WATERS

O filme “Roger Waters The Wall”, que chegou a ter exibições em sala entre nós, vai ser agora lançado em DVD pela NOS. Realizado por Sean Evans, o filme foi rodado durante uma digressão em 2014, na qual o músico recuperou as canções do álbum “The Wall”, que os Pink Floyd editaram em 1979.

EXPOSIÇÃO

Os responsáveis pela exposição “David Bowie Is”, inaugurada em Londres e neste momento patente na Holanda, estão a negociar eventuais novas paragens desta mostra noutros países após uma visita ao Japão em 2017. Entretanto, a “Newsweek” avançou que David Bowie deixou preparadas várias edições póstumas, que deverão começar a surgir nas lojas de discos a partir de 2017. Segundo a revista, Bowie terá feito a curadoria de antologias, que serão lançadas numa ordem não necessariamente cronológica, não especificando se há temas inéditos entre elas. Certa é também a edição de um álbum com a banda sonora do musical “Lazarus”.



LIVRO

A Antígona vai lançar entre nós “O Universo Concentracionario”, do filósofo francês David Rousset. Originalmente publicado em 1945, o livro foi uma das primeiras reflexões feitas sobre o impacto político do sistema de campos de concentração do regime nazi e também sobre os efeitos mentais resultantes das condições de vida impostas aos que por eles passaram. O autor viveu a experiência, já que, depois de detido em 1943 pela Gestapo, foi enviado para o campo de Buchenwald.

SINTRA

Palácio da Pena restaura escritório de D. Amélia



O Palácio Nacional da Pena, em Sintra, tem mais uma sala recuperada de acordo com o que seria a sua forma e função quando a mansão era habitada. Trata-se do Gabinete de D. Amélia, uma divisão que surge no enfiamento dos aposentos da rainha e que é agora recuperada segundo a sua vivência real, com enfoque no que seriam os tempos de D. Fernando II, ideia que se tem aplicado a outras salas do palácio, de forma a obter um equilíbrio entre o trabalho arquitetónico (que decorreu da adaptação de um antigo convento, a mando do marido de D. Maria II) e as peças de artes decorativas que depois ali são expostas. A recuperação deste gabinete procurou fazer assim uma síntese entre essas marcas estruturais

dos tempos de D. Fernando, o período em que D. Amélia ocupou os aposentos (e estava neles quando eclodiu a revolução em 1910), e a Primeira República, já que data de 1917 uma pintura mural que ali vemos. O mobiliário dos tempos de D. Fernando foi retirado após a sua morte e desconhece-se o seu paradeiro. A sala mostra-se agora relativamente próxima daquilo que seria quando em 1890 foi adaptada para ser o gabinete de trabalho da rainha, reintroduzindo objetos originais ou outros em lugar dos que ali estariam. Um dos armários entalhados que vemos hoje, e que data dos tempos da condessa d'Edla, não constava da sala nos dias de D. Amélia, mas esteve lá antes de este ser o seu gabinete.

PHOTO MATON



Um novo ensaio sobre Orson Welles pelo académico australiano Matthew Asprey Gear revela, através do estudo de “Crazy Weather” (um argumento perdido de 1973), que ao realizador não agradava a visão machista de Espanha veiculada nos livros do seu amigo Ernest Hemingway.